



Gaiato

19 DE JANEIRO DE 1974

ANO XXX — N.º 779 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES


Joaquim Domingos chegou cá, pelo seu pé. Alguém se condeu dele e indicou-lhe o caminho de nossa Casa. Segundo diz, tem 15 anos, mas não sabe o que é a escola. Também ficou sem o pai que não conheceu. A mãe morreu e ele veio por aí abaixo, de Sá da Bandeira para o litoral. Vive com outros rapazes, junto ao mar de Benguela.

Este garoto veio pedir que o recebêssemos porque queria ser «alguém» na vida. É um rapaz mestiço, de olhar triste, com a mesma sorte de muitíssimos outros por estas terras. O pai desapareceu alijando cobardemente a responsabilidade que contraiu ao dar a vida a este filho.

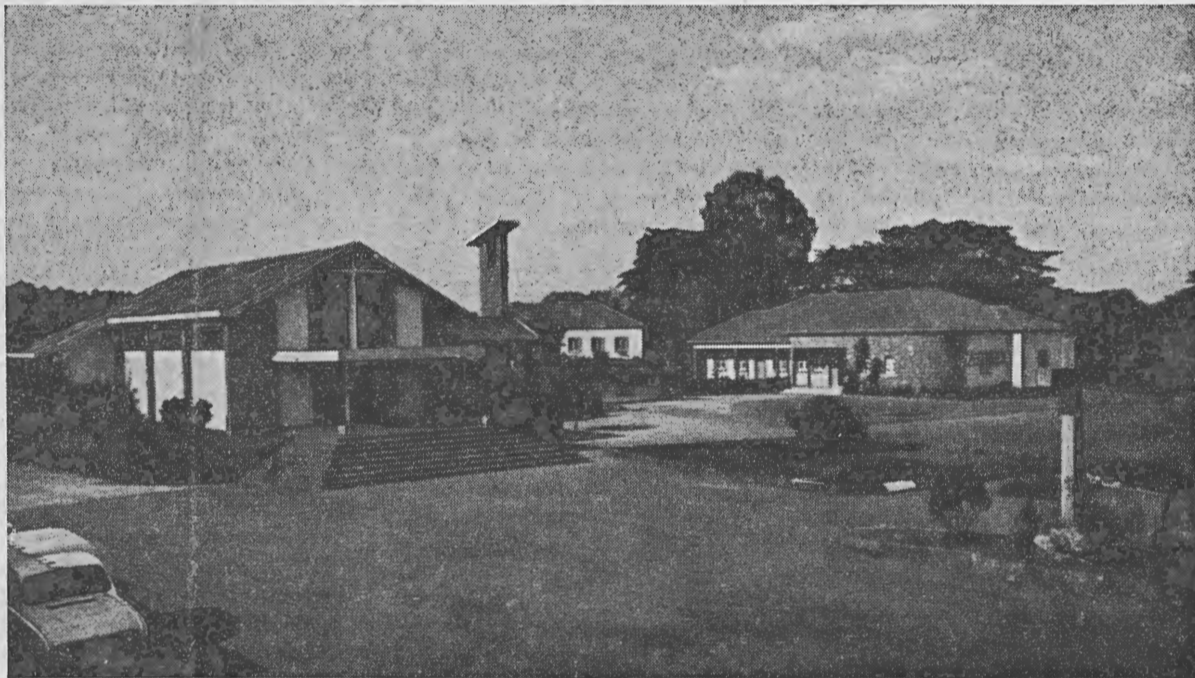
Assim cresceu e chegou aos 15 anos. Apercebendo-se — já tão tarde — de que era «ninguém» e a viver como os bichinhos, veio em busca da salvação. Vamos tentar salvá-lo!

A hora em que redigimos estas notas é véspera de Ano Novo. A rádio, a imprensa e os anúncios luminosos fazem propaganda de grandes «farras». Chamam-lhes réveillons. É um nome distinto. Ali se gastam somas enormes de dinheiro. Gastos escandalosos! Sê-lo-iam em toda a parte; mas aqui... o escândalo atinge outras proporções, dado os problemas de ordem económica e social.

Que contraste! De um lado, o barulho para «adormecer»; do outro lado, o Joaquim Domingos, de olhar triste a pedir uma tábua de salvação. Ele pede baixinho. Pede migalhas. O barulho da música de fim de ano não deixa ouvi-lo.

Que contraste! Ele não se cala. Ele acusa. Ele é testemunha de acusação na noite de Ano Novo. Estamos com ele!

CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA



Uma povoação do Minho, das Beiras? Não senhor! É a bellissima Aldeia da Casa do Gaiato de Malanje — tesouro espiritual do nosso Padre Telmo.



Supomos não andar longe da realidade ao estimar, na zona convencional da «grande Lisboa», entre 350 a 500 mil as pessoas que vivem (?) em barracas ou similares. A esta situação imprópria e indesejável haverá ainda a acrescentar a de todos aqueles que residem em partes de casa, amontoados e sem o mínimo de condições, que deverão atingir cifra semelhante. A gravidade deste problema assume cada vez maiores proporções, à medida que o tempo passa e se processa o afluxo caudaloso das gentes da Província, sem se vislumbrar, infelizmente, solução a curto prazo.

Nas nossas andanças ao serviço da Obra temos deparado com espectáculos confrangedores, que muito nos abalam pelo pouco ou nada que podemos fazer, dado que não é com «panos quentes» ou esforços isolados que as questões se resolvem. Não deixamos, porém, de aproveitar todas as oportunidades para incutir nos Homens responsáveis, que afinal somos todos, o sentido do dever e da solidariedade que a todos deve envolver.

Não desconhecemos as dificuldades que o tão magno problema da habitação nos apresenta e da sua interdependência com outras questões fundamentais. Se é certo que ao Estado incumbe sempre o maior quinhão de responsabilidades, pelas orientações gerais e normativas dos seus órgãos legisladores, pela sua função coordenadora e pelo volume de recursos de que pode dispor ou mobilizar, não é menos verdade que às autarquias locais, aos organismos de crédito e de previdência, às grandes e médias empresas e aos particulares, incumbe também não menor papel. Com pesar constatamos que há muitos homens que se alheiam daquilo que é seu dever e se põem comodamente à espera de soluções caídas do céu ou não mexem uma palha, porque dizem pertencer ao Estado toda a responsabilidade e não serem capazes de encontrar a so-

EIS uma boa notícia — que transmitimos com muita alegria: está prestes a sair a segunda edição do livro «O Barredo»!

Muitos leitores de «O Gaiato» — alguns como assinantes da nossa Editorial — aguardam com interesse esta preciosa obra de Pai Américo. O que para aqui foi de cartas e postais e recomendações motivadas por breves alusões quanto ao lançamento de «O Barredo»!

Agora, os senhores e as senhoras esperem com mais paciência. Já nos debruçamos no acabamento e expedição dos livros. E agucem, também, o apetite de amigos e vizinhos. Todos quantos se interessam pela colecção da nossa Editorial.

«Não vais ler um romance social, nem ver feiras de pantominas — disse Pai Américo — mas sim a realidade do Evangelho do

Prestes a sair

a segunda edição do livro

«O BARREDO»

Pobre, a curar feridas da pobre humanidade, que este é o melhor testemunho de Cristo.»

Mais ainda: «Os casos do livro «O Barredo» são em tudo e por tudo uma repetição viva e actual dos referidos no «Pão

dos Pobres». Então quê? É para demonstrar que a vida do Pobre não muda. «Estamos no mesmo ser», é uma resposta muito dos meus ouvidos, quando, por hábito, pergunto ao Pobre como vive. A semelhança dos Barredos é flagrante, tanto faz Coimbra como Porto ou Lisboa, que são estes os que melhor conhecemos.

A presente obra, com 288 páginas, procurámos dar uma disposição gráfica actualizada. E a cuidada revisão do original sugeriu, e muito bem, uma nova recolha e selecção de textos de Pai Américo sobre o Barredo, até Abril de 1956 — vésperas da sua morte. Outro mérito do livro prestes a sair. E que, por isso, vai com certeza interessar também os possuidores da primeira edição, de há 20 anos, que não foi além de 5.000 exemplares — esgotados num ápice.

J. M.

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

A venda do Jornal no Centro do País

● COIMBRA

Coimbra é a escola de todos os rapazes que vendem «O Gaiato» no Centro do País. Em Coimbra, geralmente, vendem-se 1.500 jornais. É pouco para uma cidade já grande. A venda de «O Gaiato» ao sábado de manhã, é mais nas casas comerciais, e à tarde na baixa. Ao fim da tarde juntamo-nos todos em Casa, para darmos contas.

Ao domingo vende-se nas portas das igrejas, à saída das Missas. As pessoas nossas amigas tratam-nos com todo o carinho e alegria. O mais responsável por o que acontece na venda de «O Gaiato» é o «Pretito», por sinal o mais velho.

Quase todos nos esforçamos pela venda; mas alguns perdem-se com os mimos que nos dão! Quero pedir aos Amigos de Coimbra que comprem mais «O Gaiato» e o leiam, pois «O Gaiato» é luz e amor.

Nicolau

● FIGUEIRA DA FOZ

Eu e Vestias somos vendedores na Figueira da Foz.

De quinze em quinze dias vamos dar-vos notícias.

Nós vendemos cerca de 180 jornais e os acréscimos são cerca de 200\$00. Já sou vendedor nesta cidade há um ano e poucos meses.

Eu venho de Coimbra para a Figueira de modo a estar cá até Domingo. Somos bem recebidos por todos, principalmente por quem nos conhece.

Nós temos sempre quem nos recebe com muito carinho. Vendemos nas igrejas, nos cafés, mas, certamente, compra «O Gaiato» só quem o deseja.

Nós não andamos a pedir esmola, como muita gente pensa, mas a distribuir uma mensagem que é o nosso Jornal.

Jorge

● LEIRIA

Há muito tempo que não damos notícias da venda de «O Gaiato» em Leiria.

Somos actualmente dois vendedores: eu e o Jorge. Vou daqui às sextas-feiras de tarde por causa dos Bancos, e o Jorge vai sábado de manhã. Regressamos domingo.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Eu vendo cerca de quatrocentos e cinquenta jornais e o Jorge cento e d.z. Com os acréscimos — porque hoje um escudo não é o preço do nosso jornal e as pessoas do Centro bem o sabem — trazemos cerca de mil e cem escudos.

Também não posso deixar de dizer de como os nossos amigos de lá nos recebem. Todos os quinze dias os visitamos. Eles recebem-nos com muita alegria e carinho. Por lá recebemos miminhos de toda a gente. Com isto tudo, penso que todos os nossos rapazes que vendem o Jornal gostam de o fazer.

Zé Domingos

● TOMAR

Sou vendedor de «O Gaiato» em Tomar. Gosto de o vender. Quando entrei para vendedor nesta cidade, passava à volta de 200 jornais. Vendo o Jornal quase há três anos e, nesta cidade, costumo passar à volta de 350 jornais; isto só quando avio os Bancos e Escritórios Mendes Godinho. Costumo vir sempre carregado de carne que umas senhoras amigas nos dão na praça, e vários embrulhos de roupa que também nos dão.

Espero que continuem a dar-nos o que acabo de escrever e com um abraço me despeço de todos os leitores.

Benjamim

● BEIRA BAIXA

A venda nesta zona é feita por dois vendedores: eu e o «Funchal». A Covilhã e Fundão vai o «Funchal»; vende 350 jornais e traz aproximadamente 800\$00. Sai de Miranda do Corvo todas as quintas-feiras, de quinze em quinze dias, e regressa na terça-feira de manhã.

A Castelo Branco vou eu. Saio de Casa aos sábados, também de quinze em quinze dias, e durante as férias às sextas-feiras. O meu regresso é na segunda-feira de manhã.

Vendo uma média de 300 jornais e trago aproximadamente 650\$00.

Somos ambos bem recebidos. Todas as pessoas simpatizam connosco e, por isso, têm-nos como bons moços. Isto não acontece só na Beira Baixa mas em todas as terras onde vendemos «O Gaiato».

Manuel António

SETÚBAL

Num destes dias, bateram à nossa porta 5 crianças em mísero estado. Três rapazes e duas raparigas. Aqueles tinham idades compreendidas en-

tre os 4 e 5 anos e estas uma com 5 e outra com 11 — a maior de todos.

Entraram, pois, muito unidos: eles agarrados uns aos outros e elas davam as mãos. Chovia. Estampavam na cara a ternura que sentiam uns pelos outros. Era a rapariga de 11 anos quem comandava. Foi com aquela ternura de criança que sensibilizou o coração do Victor, nosso cozinheiro. Ficou apaixonado por aquele amor de irmãos e de crianças inocentes, com tão alto valor na nossa sociedade, e mais ainda quando lhe pediram: — Dá-me uma esmola!... O nosso cozinheiro teve um sentimento muito fraterno. Foi dizer à senhora e ela ordenou que lhes desse qualquer coisa.

Pois o Victor deu quanto lhe foi possível, dentro das nossas possibilidades. Não lhes entregou só alimento material mas também alimento espiritual. Ao vê-las abalar, quase lhe vieram as lágrimas aos olhos. O Victor é um rapaz com muita sensibilidade!

Que necessidade havia destas 5 crianças andarem a pedir para a mãe, doente? O pai não quer trabalhar, mas quando chega a casa quer comer na mesa! Porque andaria aquele pai a estragar as 5 crianças, dizendo-lhes: — Vão pedir, para governar a casa!...

Um caso destes perde-se no mundo como uma agulha num palheiro. Quem lhe dá atenção? O Natal destas crianças foi, talvez, bater de porta em porta, ouvindo o pai e levando pancada...!

Relembrando, às vezes, o nosso Pai Américo, recordando o seu amor — quantos podiam e deviam dar a mão a tais crianças...

Júlio Leandro

TOJAL

RÁDIOS — Como vos tenho vindo a noticiar, temos em acabamento um prédio para 50 rapazes que esperamos vir a inaugurar no 26.º aniversário desta Casa. Fazendo frente a todas as dificuldades, está praticamente acabado. Há no entanto uma necessidade susceptível de ser satisfeita por vós, e que virá completar todo o apetrechamento.

A moradia consta de dois pisos. E o nosso pedido é o seguinte:

Dois rádios eléctricos em condições de poderem dar aos Rapazes que nela irão habitar um maior ambiente de alegria e conforto, dentro das nossas possibilidades.

Em minha ideia, penso que esta necessidade está perfeitamente ao vosso alcance. Espero não me enganar. Fico à espera.

FOTOCOPIADOR — Já pedi este aparelho num outro número de «O Gaiato». Até ao momento não tivemos qualquer resposta. Qual a razão? Não o há!? Não acredito, pois estou bem certo em afirmar que, em determinada sociedade, existe um que já não está a ser aproveitado para se tirar dele todo o rendimento possível, sinal de que dispõem de outros meios mais rápidos para satisfazerem os trabalhos. Continuamos a esperar pelo fotocopador e Deus queira que seja este o vosso presente de Boas Festas.



Susana, de 6 meses, filha do João, ora em Lourenço Marques. Que belo sorriso!

SAPATOS — A necessidade tem sido menos intensa. Contudo, continuamos a precisar, e agora a condizer com a estação, são botas de borracha. Podem continuar a mandar, sempre que possam, daquele calçado que dispõem, capaz de ainda ser usado.

COFRE — O dinheiro em nossa Casa não é muito, mas para conservar o pouco que vamos tendo, necessitamos de um cofre; não uma caixa-forte do género «Tio Patinhas», mas um razoável, onde caibam alguns documentos e outros objectos de valor, além de algum dinheiro. Agradecemos a vossa melhor ajuda na obtenção deste valioso objecto. Sei que é muita coisa junta, mas a boa vontade tudo supera.

DISCOS — E, para terminar, mais um pedido, agora de menor importância:

Todos aqueles amigos que já visitaram a nossa Casa tiveram com certeza ocasião de observar que temos uma sala de música.

São inúmeros os discos que constituem o seu património, mas bastante antiquados em relação aos êxitos actuais. Queria pedir aos nossos leitores mais jovens alguns discos de que dispõem e que ouvem com menos frequência. Já não peço um «Do You Love me» ou os «20 anos».

Jorge

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Vivía numa toca. Marginalizado. Damos-lhe a mão: morada decente, a título precário; procuramos erguê-lo das tristes ervas...

A velhice, o temperamento, debilidades e fraquezas ingénitas contribuíram — e contribuem — para uma situação difícil.

Surge a porta aberta de um Recolhimento; sem grades, com horário (diríamos) flexível e possibilidades de ocupação. Aceita.

Além de nómada é irascível. Fere um colega de comunidade! Transferido, regressa a casa. O mesmo, na mesma; com mais um estorvo: antipatia da vizinhança.

Encontramo-nos, num domingo de sol.

— Eh! barba tão grande!

— Sabe?, o barbeiro faz-me o serviço de graça, mas... ainda não teve ocasião.

Recomendamos que mude a camisa:

— Ora, ora! Deus não olha para estas coisas...

E lá ficou; só.

Ainda que muitos tenham razão — toda a razão — não devemos desesperar, muito menos bloquear. Se o homem é como é, vamos cruzar os braços? Pior: atirar pedras, torná-lo cada vez mais nómada?!

● Novo encontro. Noite fria, húmida. Vem só. Chapéu enterrado nas orelhas, lapela da gabardina ao alto. Frio!

— Onde vem, a esta hora?!

— Do trabalho. Não posso deixar de trabalhar.

Mastiga e salpica-me a face, de tossir.

— Oh! desculpe... estou a comer uma maçã; deram-ma no trabalho. O trabalho pra mim é uma distração...

Encorajo o pobre homem e rapo do maço de tabaco.

— Vamos fumar?

— «Definitivos»; ai que bom! Eu gosto...

É o cigarro dos Pobres. Ele o disse: — Eu gosto. Nós gostamos!

Enquanto arde o tabaco desfiamos um rosário de carências.

— Descanse! Amanhã vou buscar o colchão novo — disse.

É que o velho houve de ser queimado...

Faz pausa. E continua:

— Já ando a tratar dos papéis da reforma! F. (o vicentino) trouxe-me os retratos.

E sublinha:

— É sempre uma ajudinha; a coisa anda à volta dos trezentos mil reis.

Já no fim, transmite outra boa notícia:

— Passei pelo... (Recolhimento). A Senhora quer que eu volte. Olhe que o jardim estava à minha conta...

— Vá por lá mais vezes!, insisto, insistimos.

Cigarro no fim, despedimo-nos. E continuo a ruminar, estrada fora: se o homem é como é, vamos cruzar os braços? Pior: atirar pedras, torná-lo cada vez mais nómada?

Júlio Mendes



AGORA

Vários meses passaram sem darmos contas destes fieis peregrinos da Caridade que, periódica ou aperiodicamente, aí estão, geralmente com frutos de renúncia, os quais, por isso mesmo, são passíveis de multiplicação em favor dos outros e permitem obras de que somos nós os primeiros espantados.

De Barcelos uma bolada de 20 contos e de Gaia «uma casa», não sei de quanto, «pelos Pais». Mil de quem tomou este hábito mensal, em favor desta ou daquela parcela da nossa Obra.

Para a ex-«Casa do Licenciado» duas vezes 150\$00 de um velho Amigo da Nazaré e 100\$ de Famalicão, «apesar de não ser licenciado». É uma Professora Primária que, decerto, quer tomar a vez de alguém licenciado que não aderiu.

Das Casas a prestações passa a Alice com as suas «gotinhas», fora os fiozinhos que correm para outras necessidades; e o David está aqui com a 16.ª, 17.ª e 18.ª parcela das vinte que se marcou.

«Uma Espanhola» volta a aparecer, agora com 3.000\$00, «para iniciar a construção de outra casa». E 500\$00 da Lia, que se propõe ir andando consoante as forças lho permitirem.

Os Pessoais não falham. Sempre os mesmos. Só eles mesmos. Mas não falham. Honra lhes seja. Quatro meses da C. P. E. (ex-HICA), quatro vezes 80\$60 de um sector e quatro vezes 1.086\$20 de outro, creio que a Produção Hidráulica. Agora só falta a Administração com outrotanto, para que a boa tradição não falhe.

O Pessoal da Caixa de Providência da Indústria Têxtil, apareceu, de Junho a Outubro, com 242\$50 mais 500\$00 mais 395\$00 mais 283\$00, à custa do escudo mensal com que todos se cotizam.

Seguem os Avulsos.

Um vale de 500\$00 da Capitania do Porto de Ponta Delgada. Este já tinha cortado a meta, mas achou fôlego para continuar. Outrotanto de Oeiras, «em memória de A. A. M. M.». De Fátima, mil, «em rigoroso anonimato». A quarta parte de «uma portuense qualquer». E mais 200\$00 a lembrar o 16 de Julho.

Dos «Bairristas do Palácio» na sua visita anual, em 7 de Outubro de 1973, 2.142\$90.

Cem de Eduardo da R. Moraes Soares e 5.000\$00 de Paço de Arcos. 1.500\$00 de Viana do Castelo. Duas vezes 100\$00 de M. L. Igual quantia da Av. de Madrid e mais 50\$00 de Coimbra «pelo muito que Deus tem feito aos meus filhos». Oitenta «para uma telha». 50\$00 «em acção de graças por um favor obtido». 200\$00 da Júlia da Calçada de Arroios.

E este recado:

«Em Jesus e Maria, as minhas saudações respeitadas.

Junto a estas linhas, uma pequena oferta que é colocada sobre o altar de Deus, por algumas intenções, sendo uma delas, pela minha alma, pois não tenho quem a recomende depois da partida. Portanto, é um depósito na caixa da Eternidade, pois só esta dá cem por cento! Os bens da terra nada valem à criatura se ela os não aplicar no sentido espiritual. A ingratidão dilacera o coração, por isso, tomei esta resolução.

O que envio, 3.000\$00, será aplicado às maiores aflições da ocasião: Casas da Obra, Património dos Pobres; em suma, conforme desejar.»

E terminamos com os de todos os meses. «O Major do Silêncio» com as cinco derradeiras presenças de 1973. Que Deus lhe dê as melhores. Bertha, de Lisboa, por três vezes. A Mãe do Rui, com a sua intenção de Missa e a intenção dos Pobres. Agora, cinco visitas da Berta do Porto, mais o Jorge. Outras tantas da Maria do «Pequeno Louvre».

Outra Maria, esta com 100\$ também para o Calvário. É de Ois da Ribeira.

E fechamos com esta carta de última hora:

«Nesta quadra é mister começar pelos votos apropriados

que apesar de vulgarizados quero que sejam do coração para si e para a bela Obra do Padre Américo.

Ausente da vossa presença por tanto tempo já, quero começar a estar de novo presente numa contribuição para a Obra das casas dos Pobres, ou para qualquer outra que o padre entenda ser mais urgente.

Senhor de algum dinheiro que minha Mãe distribuiu pelos filhos resultante da venda de uns terrenos, foi-me possível, entre outras coisas, fazer um acrescento na minha casa (que será minha pois é daquelas da Providência que fica de cada um ao fim dum dado número de anos) e arranjà-la um pouco. Veio-me assim o desejo de não esquecer tantos que igualmente — mas com mais forte razão — gostaríamos de melhorar a sua habitação.

Lembrei-me então do Património dos Pobres. Mando assim dois cheques (foi engano não mandar tudo num só): um no valor de 20.000\$00 e outro no de 200\$00 para a assinatura do Jornal e para a conta da Editorial, a ver se assim diminuo a percentagem dos 40% que se esqueceram!

E é tudo por hoje.»

Que a todos estes velhos Amigos dê Deus um Ano-Novo cheio da Sua Paz.

«Todos os dias têm de ser dias de Natal», lê-se no penúltimo número em «Tribuna de Coimbra». Como é verdadeiro este pensamento!...

Os motivos vistosos e toda a festividade desta quadra começam por ser notas já gastas. É bom ainda que o mundo vá pensando em Fraternidade, Justiça e Paz, ao menos nesta quadra. É bom que se desçam pedestais e nos aproximemos mais dos outros. Ao menos uma vez no ano... É bom, sim! É bonito! É sadio! É cristão!... Mas como é tão pouco lembrar-se a gente que só nesta altura é que é Natal!...

Quando estes pequenos apontamentos vierem à luz, já lá vai o 25 de Dezembro de 1973, 1 de Janeiro de 1974 — dia mundial consagrado à Paz por Paulo VI — e nós que fazemos agora?... As outras datas do calendário — que são tantas?!... Não são mais do que «tempo de espera» até que chegue o dia 25 de Dezembro de 1974 e o 1 de Janeiro de 1975. Não será isto verdade?!... E depois o calendário de 1975 continua de novo à espera do seu «Natal». Que ciclo vicioso e viciado este em que vivemos!!!... Tudo isto não deixa de ser um Natal feito por medida. Pela medida dos nossos comodismos e pela bitola da polémica do «rebanho e do pastor». Ou melhor, do rebanho «sem pastor». Para onde vais, ovelha, vou eu também... Porque os outros fazem, eu também imito. Um modo cómodo de não dar nas vistas. Parece até que a gente atira cá para fora, nestas alturas, aquilo de que nunca foi capaz, por temor a que outros olhos vejam. Não são isto «respeitos humanos»?!



Por Rogério

«Todos os dias têm de ser Dia de Natal.» Em cada dia tem de nascer o Deus-Menino no peito e nas entranhas de cada homem. Mas esse Deus-Menino que nasce não é aquele bonequinho mimoso e rosadinho que se deita nas palhinhas dum presépio. Este é um pedaço de barro ou de plástico, substâncias amorfas, que não nascem, nem têm vida, nem espicaçam o íntimo de ninguém. O Deus-Menino que há-de nascer, Esse é vivo, provoca revolução no íntimo das consciências e está atento sempre à história de cada homem, rico ou pobre, desde que é um simples feto até à morte e para além da morte. Será, pois, neste contexto de atenção divina permanente que não podemos esquecer que cada dia é Natal. Anda positivamente enganado quem pensa que só a data de 25 de Dezembro é que é dia de Natal. Ai de quem não pense, em cada dia, «endireitar as veredas do Senhor»!

AREIAS DO CAVACO

Cont. da PRIMEIRA página

x x x

A celebração litúrgica do Natal do Senhor já passou. Muitos amigos estiveram connosco e nos ajudaram a construir o presépio trazendo muitas coisas e com muito carinho. De norte a sul sentimos a presença amiga dos que comungam connosco no mesmo ideal.

De Moçamedes, um cheque de 1.000\$00 da Maria da Graça e do António José. De Benguela, «uma pequenina lembrança para tomar o seu cafezinho». São expressões de delicadeza de coração. De Luanda, com votos de feliz e Santo Natal, um cheque de 5.000\$00 de «um amigo da Obra». Outro cheque de 5.000\$00, também de Luanda, de um casal que nos abre sempre as portas de sua casa. Do Cubal, 50\$00. Várias empresas se associaram connosco nesta celebração: 1.000\$00 do Lobito; mais 500\$00 de Benguela; mais 1.000\$00 de Benguela.

Outra vez Luanda com 2.000\$00. Mais 500\$00 e que «Deus vos dê saúde para continuarem essa grandiosa Obra». Da Catumbela, 2 caixas de sabão. Uma pequena lembrança «para ajuda da tão desejada máquina fotográfica — 1.000\$00». Firmas de Benguela vieram com

as lembranças habituais. A. Simões Portela com 5.000\$00 e muita amizade, mesmo à hora da ceia de Natal. Para custear alguns livros de Pai Américo — 200\$00. Mais 500\$00. Mais 500\$00. De «um casal evangélico», grande admirador da Obra do Gaiato, lembrança amiga. Do Lobito 500\$00 da Farmácia Proquímica. Das empresas açucareiras 5 sacos dele. Uma peça de pano de L. e G. Outra vez o Lobito com 1.000\$00 da Reprinter. E, agora, uma presença muito simpática das funcionárias dos C. T. T. com 1.550\$00 e palavras cheias de simpatia. Mais um envelope pequenino com 500\$00. Bolo-rei da Parbel. Outro envelope com 300\$00, de Benguela. Agora mesmo chegou a Catumbela, por um casal amigo, com 200\$. Paremos: «Com todo o carinho ofereço uma pequenina migalha para ajudar na compra de outra pequenina migalha de Pão». É a linguagem dos Pobres. Haverá mais bela? Outra empresa com 500\$00 e alguns cartões de cerveja. Do Lobito, 100\$00. Da Maria Luisa 250\$00. Um amigo «com votos para que Deus vos dê ânimo para prosseguir sempre e sempre mais» vem com uma nota de 500\$00. De novo Benguela pelas mãos do Sr. Luis B. Duarte com um cheque de 6.000\$00. Vários gru-

pos de cristãos que frequentaram o Curso de Cristandade vieram com sua presença e suas lembranças para «uma Festa de Natal melhor». Da Fábrica de Conservas Atlântico, 2.000\$00 de uma vez e 10.000\$ de outra. Do BCCI 1.000\$00. Mais uma paragem. É a vez do Colégio de Paula Vicente pelas mãos da sua boa Directora e de uma representação de seus alunos, com 520\$00 e muitas coisas mais. Da Dulce e da mãe 1.600\$00; de um irmão amigo do Lobito 300\$00 «pequena mas sincera lembrança para ajuda da compra do bacalhau». É verdade. Este ano tivemos mesmo que o comprar. Mais 100\$00 «para ajuda do Natal dos mais pequeninos». Massas alimentícias de Venâncio G. Sobrinho. 100\$00 mais 100\$00 mais 100\$00 e biscoitos. Da Sopesca, 1.000\$00. Atenção, Lobito vem com 10.000\$00 envolvidos em muita amizade para com a nossa Obra tão bem expressa na carta que os acompanha: «...É sempre com ternura que recordo a Obra do Gaiato, principalmente quando frequentemente me encontro com os vários Gaiatos que vêm ao Lobito trazer-nos o Famoso...». Novamente Benguela com 1.500\$00. Pelas mãos do Cândido, vendedor de «O Gaiato» em Benguela, 600\$00. Dos nos-

queridos amigos da Lupral 317\$50, migalhas para a broa do nosso pão. Recordamos a amizade inteligente do sr. Lara que nos pagou o pão durante 4 meses. Da Maria dos Anjos 100\$00. Do Lobito, a Maria Isabel traz-nos 200\$00 e uma vontade forte para «auxiliar os irmãos mais necessitados». Outra vez o Lobito com 50\$00. De Mariano Machado 100\$00. De um grupo de amigos fieis que trabalham na Cosema 400\$, também para o nosso pão.

Deixem passar as Crianças da Catequese do Compão, com Pe. Neves à frente, e as Catequistas e as Irmãs e os Pais das Crianças. Vieram estar connosco no seu passeio anual. Trouxeram-nos migalhas muito saborosas no valor de 2.000\$00. Mais uma vez o Lobito com 500\$00. Agora, Benguela com 2.000\$00; e Maria da Graça e Luís Manuel, 100\$00.

Obrigado em nome desta grande família.

Pe. Manuel António



DOCTRINA

A pergunta dos Magos: «On-de está o rei dos Judeus que acaba de nascer?» — compreende-se a perturbação de Herodes.

Mas porquê «com ele toda a Jerusalém ficou perturbada»? Decerto aquele instinto colectivo da Verdade que o Povo tem, o fez sentir, desde logo, que Jesus vinha testar o Judaísmo, não contestar o rei constituído dos Judeus. Este Nazareno, tão ao invés do conceito que faziam do Messias, veio romper os horizontes fechados do seu exclusivo de Povo Messiânico, para os estabelecer nos confins da Humanidade, de sorte que a partir d' «os últimos tempos» por Ele inaugurados, também «os gentios recebam a mesma Herança que os Judeus, pertençam ao mesmo Corpo e beneficiem da mesma Promessa, em Cristo Jesus, por meio do Evangelho». Ao seu nacionalismo fanático, a este sentir discriminativo a nível da Salvação, Jesus trouxe a declaração do amor do Pai a todos os homens, os quais, se de boa vontade, se diligentes da Verdade com coração sincero, têm acesso ao mesmo Corpo, à mesma Herança, Bens que não foram negados aos Judeus, embora «em outras gerações tal não fosse comunicado aos filhos dos homens, como agora se revelou no Espírito Santo, aos Seus santos Apóstolos e Profetas».

Esta foi a traição que os Judeus Lhe não perdoaram e os levou a invocar o Seu sangue sobre si e seus filhos em troca da libertação de Barrabás.

Ora Jesus «não veio revogar a Lei e os Profetas, mas completá-la». Não tirou a uns para dar a outros. A misericórdia infinita do Pai não a esgotam todos os homens que viveram e hão-de viver. «Se Ele quis dar aos da undécima hora o mesmo salário que combinara com os primeiros contratados, acaso não Lhe será permitido dispor dos Seus bens como Lhe aprouver?»

Não foi Jesus que veio contradizer o que estava escrito: «Da Lei, até que passem o Céu e a Terra, não passará um só jota ou um só ápice, sem que tudo se cumpra.» Ele apenas quis dar ao Judaísmo uma dimensão nova, universal. Veio testar o coração do seu Povo e achou-o mesquinho e esbarrou com uma oposição obstinada, que, por ser a da mente e do poder instalados, fez d'Ele o contestador, o réu de morte.

Longe de mim a ideia de uma condenação histórica. É mesmo fácil de compreender a recusa dos «d'aquela tempo» ao aggiornamento que Jesus trazia à Velha Aliança para a tornar Nova por meio do Evangelho. Sem nada revogar, o complemento que Ele trouxe implicava

na verdade uma radical mudança de mentalidade.

Penso que nos inculpa muito mais gravemente a nós, o Povo dos «últimos tempos» com dois mil anos de tradição cristã, cidadãos de um mundo onde tudo e todos se tornaram próximos e a interdependência dos homens é uma realidade quotidianamente confirmada, penso que nos inculpa muito mais a persistência da mesquinhez a apenar os corações, do orgulho a entenebrecer as inteligências, dos interesses estabelecidos a entorpecer as vontades — impedimentos da Justiça e da Paz entre os homens.

Muito menos exigente do que naquele tempo é o aggiornamento pedido aos homens de hoje. Então, do «amor aos outros como a nós mesmos» foi necessário entender e pôr em prática que nos «devemos amar como Cristo nos amou». Hoje que novidade há quanto à essência em que se resume a Lei e os Profetas e o Evangelho: o Amor de Deus e do Próximo?

Removidos os acidentes da nossa mesquinhez, das concupiscências do espírito e da carne, ficarão as nossas inteligências e os nossos corações, pequeninos sim, mas livres para o amor. Eis o que falta fazer.

Tanto esforço vão a apresentar Cristo contestador — uns porque possuídos pela inércia, outros porque dominados pela precipitação! Cristo nunca se opôs ao homem que O procura com coração sincero. Ele testa o coração dos homens e, achando-o vazio, está sempre pronto para o atestar do Seu amor.

«Técnico é aquele que ama» — escreveu Pai Américo. E como tal gastou a sua vida a seduzir e atestar com o amor de Cristo tantos corações de homens. Desta espécie são os obreiros de um Mundo melhor.

Hoje ouvi da boca de uma mãe uma preocupação de alma, de como conseguimos nós ter em Casa tantas crianças... E logo deu a resposta: «Precisam de muita gente boa que vos ajude».

Ontem veio um casal. Trouxe um envelope cheio de notas. Tudo em memória da mãe que Deus veio buscar há um ano. Sempre nos amou. Na sua despedida recomendou os Gaiatos. Os filhos querem merecer a Mãe. Pediram a nossa oração. Em todas as nossas orações lembramos ao Senhor aqueles que nos ajudam.

Há meio ano que não damos testemunho dos que têm vindo ao nosso encontro. Hoje a lista é grande. E agora no Natal!... Se fosse sempre Natal!... E devia ser.

A nossa casa a construir na Praia de Mira tem tido amigos, mas têm sido poucos... Alguém já recordou a organização de uma procissão. É melhor que cada um vá escondidinho, pois hoje há publicidade de tantas coisas! E tantas que não prestam para nada!

Várias ofertas de parte de primeiros ordenados. Têm sabor a consagração estas ofer-

Tribuna de Coimbra

tas! Mãos escondidas em reuniões semanais na Sé Nova. Visitantes de Vila Nova de Ourém, de Casais do Campo, da Figueira, da Covilhã, da M. P. F. de Coimbra. Quinhentos pelo Pároco de Cacia, mil pelo de Torres Novas, 250\$ por um de Coimbra, mil pelo de S. Lourenço do Bairro; 1.500\$ para o bacalhau das Colónias, em memória do irmão que sempre assim fez. Mil dum companheiro de sempre; os vales mensais do director da Escola Técnica de Coimbra; as amiguinhas Maria Helena e Maria Isabela com prestações mensais; de amigos do Luso; da Nazaré; do Entroncamento; de Almalaguês;

de Vilar Formoso, de Leiria, de Tomar. As presenças de maior sabor são dos nossos: um de França com mil; outro da Alemanha com igual quantia para o bacalhau; outro militar na Guiné com o mesmo; outro, casado há pouco, com quinhentos; outro com muitas lembranças; outro de Coimbra com mil; duzentos da mulher doutro; Mães de alguns. Senhora vizinha com milho e dinheiro; Senhora Mãe que tem sido também muito nossa Mãe; C. A. com cartas periódicas; Anónima de Miranda; a filha que veio trazer oferta e recordar a Mãe que era apaixonada por nós; o casal feliz com seus filhos; Senhora Professora vizinha; Banco Borges & Irmão, Auto-Industrial, o Natal dos Casais de Nossa Senhora; amigos de Castelo Branco; muitas mãos escondidas. Os alunos do Ciclo da Guia; um cheque de Turma da Escola João de Almeida, da Guarda; todos os que vão à Casa do Castelo; todos os que vão ao nosso Lar. Os que nos encontram na rua ou em Santa Cruz.

A todos agradecemos e desejamos Boas Festas.

Padre Horácio

Novos Leitores de «O Gaiato»

Prossegue, com muita vida, a procissão de novos leitores. Graças a Deus!

São presenças do mundo português e de lusitanos residentes no estrangeiro. Todas muito expressivas; como esta, de Gouveia, exuberante: «É com muita satisfação que, desta vez, vos envio o nome de um assinante para o vosso Jornal. Mais um amigo...»

Um ror de cartas assim!

Agora, damos merecido relevo a uma que gostaríamos, até, de publicar em fac-símile. Vai a transcrição:

«Agradeço que considerem novos assinantes os meus dois filhos. Um e dois anos são pre-

cisamente as suas idades: Gonçalo Alexandre e Marcelo António».

Junto mando 100\$00 para a assinatura deste ano, se é que chega?... Gostava de mandar mais mas também sou pobre.

Lembro-me que será preciso o nome completo (...)

E despeço-me, com desejos de muitas felicidades para a vossa Obra...»

Oh simpatia! São vizinhos da nossa Casa do Gaiato do Tojal.

Continuemos com breves imagens do desfile:

● METRÓPOLE

Novos leitores de Fátima, Barrocal do Douro, Amadora,

Espinho, Odiveiras e um grupo de Coimbra. Alto! Mais uma carta espumante:

«Quando eu e minha mulher nos encontrávamos em nossa terra natal, era com muito carinho que comprávamos «O Gaiato», lido com muita satisfação. Mas, por motivo de trabalho mudámos de localidade. Agora, resolvemos ser assinantes e enviamos a quantia de 40\$00 para o ano de 1974.

Desde já agradecemos e cá esperamos o nosso querido Jornal...»

Mais Luso, Cabeço (Febres), Bombarral, Cête, Águeda, Covilhã e um grupo de Cortegaça.

Passa Ermesinde — de mãos erguidas:

«Prometo-lhes orações, pois como somos muitas está sempre uma diante do Santíssimo Sacramento. São ve.as que se vão gastando diante do Senhor...»

O melhor da procissão está aqui!

De Lisboa seguem à volta de 30 novos assinantes. E do Porto menor quantidade.

● ULTRAMAR E ESTRANGEIRO

Registamos as seguintes presenças de Angola: Santo António do Zaire, Cambambe e Salazar. De Moçambique, só Lourenço Marques.

Do estrangeiro: Roma (Itália) e Manzini (Suazilândia).

Júlio Mendes

dos Homens públicos e temos a certeza de que Deus não se alheará dos imperativos de Justiça e de Amor que estão em causa.

Padre Luiz

Agu Lisboa

Cont. da PRIMEIRA Página

lução para todos os casos, esquecendo que o óptimo é, muitas vezes, inimigo do bom.

Será de dizer, com a verdade e a independência de que não queremos abdicar, mas sem demagogias, que as «Brandoas» continuam a proliferar, ante a passividade de muitos. Os primeiros responsáveis, é justo referi-lo, são muitas vezes bem intencionados e estão sinceramente empenhados no bem geral. Sucede, porém, que ao nível da execução ou da actividade fiscalizadora as coisas não se processam com muita lisura. Assim, não é difícil encontrar construções, até de certo volume, em bairros ou zonas clandestinos,

sem que ninguém as enxergue. Para estes casos só vislumbramos como meios de combate coragem moral e vassoura. Ao contrário, as dificuldades multiplicar-se-ão.

Numa entrevista concedida há pouco tempo declarou o Senhor Presidente do Conselho que grande número das cartas que recebe visam obter uma casa. Não admira nada que assim suceda, porque tal corresponde a um anseio profundamente enraizado no coração de todos os homens e a um direito da sua condição humana. Também nós as recebemos no mesmo sentido, mesmo quando, ingenuamente, se procura a nossa suposta influência junto do «Senhor Estado»... De qualquer modo, a Obra do Padre Américo, através do Património dos Pobres

ou do sistema de «pequenos auxílios», não tem deixado de dar uma resposta, pequena, é certo, mas frontal e empenhada.

Uma palavra final, a manifestar um voto para 1974. Anunciou-se que na jovem cidade de Almada se destruíram todas as barracas e se realojaram os seus utentes em habitações dignas. Pois vamos todos empenhar-nos em «almadizar» ou «almadar» as nossas aldeias, vilas e cidades, criando condições de habitabilidade para todos os nossos Irmãos, de forma que as famílias possam desabrochar e desenvolver-se em ambiente propício, elas que são a base duma Sociedade forte e feliz. Para a consecução desse objectivo não serão momentos perdidos nem os menos úteis aqueles que os Homens responsáveis gastem nas visitas de trabalho aos locais de degradação humana que são os bairros da lata ou equivalentes. O conhecimento concreto das situações dar-lhes-á outra visão dos problemas e forjará a força, a coragem e o dinamismo indispensáveis para a luta a travar. Nós queremos acreditar na inteligência e no coração

